

Kinoruss publica no Brasil obra inédita da cineasta soviética Esfir Chub (1894-1959)

Livro traz percurso criativo da pioneira do cinema documental que a História do Cinema mantém invisível



Esfir Chub, c. 1928. Aleksandr Ródtchenko

A pequena e independente Kinoruss Edições, dedicada à arte e cultura russa e soviética, publicou no Brasil, em dezembro de 2022 o livro *Minha vida é o cinema: em plano fechado*. Trata-se de uma obra autobiográfica da cineasta soviética Esfir Chub (1894-1959), que narra sua vida em estreito vínculo com seu revolucionário trabalho no cinema. O livro é uma importante contribuição para os estudiosos da história cultural da URSS, bem como do cinema soviético e uma leitura inspiradora para os amantes da sétima arte. O texto foi traduzido cuidadosa e diretamente do russo para o português pela professora Priscila Marques, da UFRJ. O estilo da escrita de Chub se assemelha a um roteiro cinematográfico e inclui poemas de seus autores favoritos, como Vladímir Maiakóvski e Aleksandr Púchkin, vertidos para o português pela premiada tradutora Letícia Mei.

Embora Chub tenha sido uma das pioneiras do cinema documental e tenha contribuído significativamente para a arte da montagem, seu nome não figura na história do cinema soviético. Seria porque muitos de seus filmes não foram bem preservados ou foram destruídos, ou pelo fato dela ter sido uma mulher em um campo dominado por homens na época? Nenhuma possível resposta justifica o não reconhecimento do seu papel fundamental na construção de uma nova linguagem cinematográfica. É essencial que seu legado seja devidamente valorizado e preservado para as gerações futuras.



Neste sentido o livro oferece ao leitor lusófono uma narrativa intensa e inigualável sobre a Rússia dos efervescentes anos após a Revolução de 1917. Embora esgotada em sua língua original e nunca antes publicada fora da Rússia, esta obra nos leva a uma jornada através das memórias de Chub, fragmentos de seus diários, encontros profissionais e pessoais com as principais figuras das vanguardas, muitas das quais se tornaram seus amigos próximos, oferecendo um panorama poderoso do período, visto do olho do furacão. O livro é introduzido pelas reflexões do cineasta e roteirista russo soviético Serguei Iutkiévitch (1904-1985) e concluído com o posfácio de Neide Jallageas, coordenadora editorial da Kinoruss. O projeto editorial foi concebido em dois volumes e este primeiro conta com a consultoria técnica de Luis Felipe Labaki, principal pesquisador de Dziga Viértov (1896-1954) no Brasil, que assina a tradução do segundo volume de *Minha vida é o*



kinoruss

cinema, a ser lançado ainda em 2023, também pela Kinoruss. Esta edição cuidadosa, além de trazer importante e inédita obra para o público brasileiro, é uma valiosa contribuição para os estudos cinematográficos.

OS PRIMEIROS ANOS DE TRABALHO NA REVOLUÇÃO

Em 1917 a jovem Esfir Ilínitchna Rochal (sobrenome de nascimento), sentiu-se convocada a atuar na construção de uma nova sociedade. Formada em Literatura Russa nos Cursos Superiores de Moscou para Mulheres, logo começou a trabalhar diretamente com Vsevolod Meyerhold, diretor do TEO, departamento responsável pela administração geral da atividade teatral soviética, que objetivava a educação ideológica e artística dos novos espectadores. Nesse período, Chub travou conhecimento com figuras como Anatoli Lunatcháski, Comissário do Povo para a Educação da URSS, e com escritores revolucionários como Maksim Górkí e Vladímír Maiakóvski. Além disso, trabalhava como secretária da Direção dos Circos de Moscou, atividade que incluía, à época, sátiras de entonação política para mobilizar grandes massas.



Da esquerda para a direita: Esfir Chub, Aleksandr Ródtchenko, Aleksei Gan e Varvára Stepánova no estúdio de Ródtchenko e Stepánova.

Fascinada pela ideia de que o cinema seria a arte do futuro, Chub começou a trabalhar no Departamento de Fotografia e Cinema no início dos anos 1920, chefiando o setor de remontagem e editoração das cartelas dos filmes. Ela colaborou significativamente para a recuperação da indústria cinematográfica precarizada pela guerra civil e aprendeu os conhecimentos necessários para qualquer bom diretor, como avaliar a construção e composição do quadro e desenvolver uma memória para os quadros, para o conteúdo intraquadros, passagens entre planos e o movimento, para o ritmo e a cadência das sequências como um todo.

A DESCOBERTA DAS CRÔNICAS FILMADAS



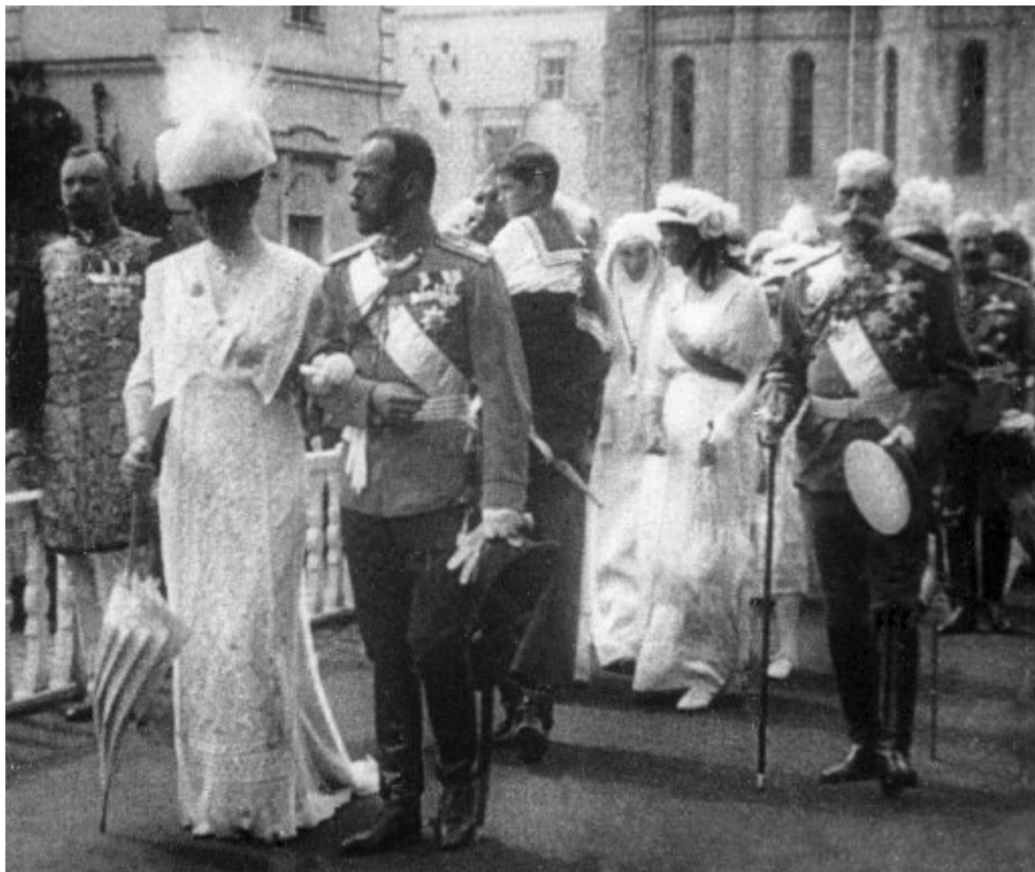
Esfir Chub, 1928. Aleksandr Ródtchenko.

Foi no contexto dos primeiros anos da URSS que Esfir Chub se encantou com as crônicas e reportagens filmadas por grandes cinegrafistas pré-revolucionários, como Piotr Novítski, Nikolai Kozlónski e Eduard Tissé. Ao se aproximar de figuras mestras do cinema soviético, como Liev Kulechóv, Dziga Viértov e sua esposa, a montadora Elizavieta Svílova, Chub também se tornou uma referência no campo da montagem, ensinando jovens cineastas

como o talentoso Serguei Eisenstein. Fascinada pelas filmagens da vida cotidiana, ela percebeu a importância da crônica como um meio de representar fielmente a vida das massas e, assim, contribuiu para o desenvolvimento da cinematografia soviética.

Na década de 1920, munida de crônicas russas e estrangeiras, Chub teve a ideia de criar um filme narrativo a partir da seleção de materiais previamente filmados. Com este objetivo, ela empreendeu incontáveis esforços para pesquisar e recuperar grande quantidade de crônicas pré-revolucionárias, muitas das quais estavam perdidas ou em posse de outros países. Destaca-se entre os acervos recuperados o arquivo pessoal do último tsar Nicolau II, que sabia do valor do cinema para enaltecer suas realizações. Foi assim que nasceu *A Queda da Dinastia Romanov* (1927), obra que está na origem do gênero “filme de compilação”. Lançado em comemoração aos dez anos da Revolução de 1917, este filme de estreia da diretora consistiu em uma combinação criativa de material filmado e pensamento autoral. Chub, juntamente com seus amigos da LEF (Frente de Esquerda das Artes), incluindo o poeta Vladimir Maiakóvski, defendia a possibilidade de validar o caráter documental da crônica por meio da montagem.

A partir deste filme de sucesso internacional, Chub continuou sua pesquisa historiográfica, resgate e análise de crônicas históricas: lançou o aclamado *O grande caminho* (1927), que trouxe ao espectador soviético imagens inéditas de Vladímir Ilitch Lênin e *A Rússia de Nicolau II e Liev Tolstói* (1928).



A queda da dinastia Románov, 1927. Esfir Chub. Filme P&B, Sovkino, Rússia, URSS.

Ciente das possibilidades significantes da montagem para o entendimento dos fatos contemporâneos, ela defendeu por meio de sua obra e de artigos que passou a escrever e publicar, a natureza inovadora do documentário.

Em sua próxima produção, *Hoje* (1929), Chub manteve a ousadia de seu trabalho, ao coletar materiais de crônicas estrangeiras e contrapor imagens da crise econômica e espiritual dos Estados Unidos aos êxitos da construção socialista na URSS. Dez anos mais tarde, buscando sempre o efeito épico e trágico do cinema documental, e tendo em mãos sequências filmadas por Roman Karmen, Boris Makasséiev e cinegrafistas espanhóis, Esfir Chub realizou *Espanha* (1938). O filme, que retrata o heroísmo do povo espanhol diante do regime fascista de Franco, foi poeticamente incorporado por Andrei Tarkóvski em sua película autobiográfica *O Espelho* (1975).

Minha vida é o cinema: em plano fechado revela que Esfir Chub foi uma figura fundamental na criação de uma nova linguagem do cinema soviético e mundial, embora seu legado tenha sido suprimido da História do Cinema. O livro demonstra que a importância de seu trabalho no campo da recuperação e preservação de arquivos fílmicos é tão relevante quanto seu desempenho na direção e montagem, que oferece verdadeiras análises da nova realidade soviética. A variedade de materiais contidos na obra, inclui cartas, trechos de roteiros e descrição de projetos nunca realizados, com destaque para o roteiro de *Mulheres*, simbolicamente não filmado. E mais: para esta edição a Kinoruss realizou a inserção de mais de uma centena de imagens históricas, diretamente dos arquivos russos, oferecendo maior riqueza ao panorama fascinante da vida social e artística dos primeiros anos da URSS, permitindo-nos mergulhar na história através da visão singular de uma cineasta habilidosa que não pode mais ser ignorada.



Minha vida é o cinema: em plano fechado

Autora: Esfir Chub

Tradução: Priscila Marques

Tradução dos poemas: Letícia Mei

Design gráfico: Paulo Mattos Angerami

Revisão e Índice Remissivo: Rodrigo Alves Nascimento

Consultoria Técnica e Índice de Filmes: Luis Felipe Labaki

Edição: Neide Jallageas

Síntese biográfica: Fernanda Heitzman

Pesquisa iconográfica: Fernanda Heitzman, Driciele Souza e Neide Jallageas

Número de páginas: 464

Ano: 2022

ISBN: 978-65-992062-6-9

Formato: 23x16x2,5

Peso: 586g

Acabamento: Edição impressa em papel pólen natural, ilustrado com 132 imagens históricas, acompanha dois cartões (postais) P&B e lista dos filmes citados no livro + marcador de livro.



kinoruss

A **Kinoruss** é uma **editora independente** com publicações que privilegiam textos teóricos e históricos sobre arte, cinema e cultura russa e soviética. Nasceu em 2010 como atividade de pós-doutorado de Neide Jallageas em Cultura e Literatura Russa (USP) e como tal, ao longo de cinco anos, publicou e disponibilizou gratuitamente os *Cadernos de Pesquisa Kinoruss*, com textos assinados por pesquisadores do Brasil, Rússia, Romênia, Reino Unido, França e Espanha.

A partir de 2015, desvinculada da universidade, a Kinoruss foi constituída enquanto modesta empresa, e deu início à publicação de livros dentro da mesma linha editorial de origem, abarcando estudos sobre o cinema de Eisenstein, Tarkóvski, Sokúrov, Esfir Chub e, mais recentemente, sobre as vanguardas russas e soviéticas. O livro sobre a invasão russa na Ucrânia surge do compromisso ético da editora para com os leitores e leitoras do Brasil, distantes da realidade eslava e, portanto, carentes de um corpo de informações consistentes.

Contato: editora@kinoruss.com.br

<https://www.kinoruss.com.br> @kinoruss_editora